

# Biotipologia e Genealogia

(Aplicadas aos meus filhos)

Pompeu Pequeno de Sousa Brasil

Proponho-me, aqui, a evidenciar as correlações dessas duas ciências, ramos da biologia ou, melhor, da antropologia.

Biotipologia não é o conhecimento do indivíduo, como alguns o presumem. Mas, aplicando-a a casos concretos, torna-se mais fácil expor-lhe os princípios. Eis porque vou apresentar os dados referentes aos meus filhos.

## I

### BIOTIPOLOGICA

É uma das mais novas ciências. Como o seu nome o denota, constitui a cognição dos diferentes tipos de organismo que se encontram nas raças de cada espécie de ser vivo.

A biotipologia humana é, pois, uma promoção da antropologia. Referindo-se a grupos menores do que esta, aproxima-se mais do indivíduo.

Entretanto, não tem este por objeto, como alguns o crêem. Por vários motivos. Primeiro, por impossível. Sendo os indivíduos em número grandíssimo, não poderia estender sua investigação a todos, ficando sempre incompleta.

Segundo, por dispensável. Sendo relativamente fácil a aplicação do conhecimento de tipo ao de pessoa, o desta não se nos impõe.

Terceiro, por ilógico, no caso de considerá-la ciência. Essa, desde os primeiros filósofos, sempre foi definida como a cognição do geral. Quem quer que diga o contrário incide em erro lastimável. Pode-se analisar o individual e deve-se mesmo fazê-lo. É o início de todo conhecimento. Mas, em vez de ciência, cria-se apenas história.

A biotipologia surgiu no último quartel do século passado, porém empiricamente. Só se tornou legítima ciência no começo do atual, graças aos trabalhos de Giacinto Viola. Ele a levou até o ponto de permitir sua aplicação ao indivíduo, introduzindo-lhe a lei dos erros acidentais, de Quetelet-Gauss, exprimível quantitativamente pelo binômio de Newton ou pelo triângulo de Pascal.

A biotipologia distribui os organismos, preliminarmente, em dois tipos: normal e anormal.

O primeiro pode ser interpretado de três pontos de vista: do ideal, da responsividade, da estatística.

O normal ideal é julgado sobretudo "o valor máximo de uma espécie" (Hildebrant). Equivale ao belo pseudo estético, de Lalo.

O responsivo é o adaptado suficientemente ao meio bio-social (Grote).

O estatístico é o correspondente ao valor central do grupo étnico a que pertença.

Esse valor pode consistir em média aritmética (subordinada ao número de factos) ou em quantidade mediana de uma série (pouco expressiva para série assimétrica) ou em maior frequência (modal), preferível, por menos artificial.

Mas o normal, como se apreende imediatamente, abrange, além desse valor, os mais próximos. Esses, porém, só devem ir até um ponto mais ou menos fixo. Para Viola, o normal compreende no máximo mais ou menos 3 graus centesimais.

Emprega-se essa quantificação, porque, além de dar a diferença em relação à média, faculta comparar quantidades heterogêneas (extensão, superfície, volume, etc.).

Grau centesimal (g) é o centésimo do valor médio (m):  $g = \frac{m}{100}$  Graus centesimais (n) dum desvio para com a média:  $n = \frac{i - m}{g}$  (i, medida individual) =  $\frac{d}{g}$  (d, essa diferença). Ou, multiplicando ambos os termos da fração por 100:  $n = \frac{d \cdot 100}{m}$

Segundo o mesmo cientista, o normal não patológico é bem mais amplo: mais ou menos 3 sigmas (desvio padrão: raiz quadrada da média aritmética dos desvios ao quadrado, contados da média como origem).

A biotipologia subdivide o normal e o anormal em vários outros tipos, encarando-os sucessivamente como forma, atividade e consciência. Essa, por uma face, é modalidade do dinamismo; pela outra, fato psíquico.

Todos se baseiam sobre o patrimônio hereditário, como a pirâmide representativa do biótipo humano, de Viola, porém encerram mais ou menos algo do que lhes comunica o meio externo.

Descrevê-los-ei quando se me depararem nestes dois casos concretos.

Ao fim, tentarei, tanto quanto possível, reconhecer os genomas paternos e distinguir o fenótipo (conjunto aparente dos caracteres hereditários) do parátipo (conjunto dos caracteres adquiridos, não hereditários).

#### A) MORFOLÓGICA

Quanto à forma, como quanto ao mais, a biotipologia estabeleceu grupos mediante relações de valores característicos.

Para isso, atendeu à importância biológica das diferentes partes do organismo: tronco, sede do sistema vegetativo; membros, instrumento do sistema de relações; tórax, laboratório da hematose; abdômen, sede da digestão e da absorção; etc.

Escolheu pontos de reparo inconfundíveis.

Empregou aparelhos capazes de fornecerem medidas exatas (antropômetro, etc.).

E reduziu essas, não só ao mínimo de quantidades úteis, mas também a graus centesimais.

Em morfologia, Viola concebeu duas modalidades de relações: fundamentais, que constituem o seu "sistema fechado"; e complementares, que compõem o seu "sistema aberto". Aquelas se referem somente ao tronco e membros, excluídos pés e mãos. E essas, a outras particularidades de tais partes e ao mais do corpo (crânio, etc.).

O quadro do professor de Bolonha, depois, foi ampliado pelo próprio autor, conforme a presença de todas as relações fundamentais ou a ausência de uma ou mais das mesmas:

$N^6, B^6, L^6$  a  $N^1, B^1, L^1$ , etc.

Seus discípulos têm tentado aperfeiçoá-lo.

Barbara, prof. de Gênova, restringiu o critério classificativo apenas a uma das relações fundamentais, a mais importante, tronco-membros, tornando-a mais simples. Além disso, atribuiu mais importância à relação crânio-face, nivelando-a às fundamentais, e concebeu a da porção nasal-porção bucal. Mas, emprega o termo tronco como volume, com todas as suas dimensões. Lacaz de Moraes não reconheceu correspondência entre os biótipos do corpo e os da cabeça.

Berardinelli, prof. do Rio de Janeiro, deu mais unidade à terminologia e distribuiu os grupos com mais naturalidade.



Como o mostram essas medidas, relações e índices, Antonio afasta-se pouco do normal. Aos 25 anos de idade, presentemente, é de altura média e magro. Nunca foi gordo. Tem massa relativamente pequena, mas sem desarmonia de traços.

Seu tronco é um pouco superior ao médio, porém só em volume. Enquanto o abdomen no conjunto se encurta, sobretudo o superior, em microsplanchnia, o tórax amplia-se. A caixa cárdio-pulmonar é comprida e larga. Espáduas mui ligeiramente inclinadas para a frente. O externo desce quase a prumo, em suave curva de cima para baixo, dissimulando o apêndice xifóide ou sem essa parte. Os últimos arcos costais, de rebordo pronunciado, aproximam-se em ângulo muito agudo. A panícula adiposa é fina, exigua.

As pernas são grandes, dando-lhe boa estatura. Mas os braços não as acompanham em desenvolvimento, ficando 2 cm. abaixo da média. Essa particularidade mesma lhe comprova a normalidade. Segundo Leonídio Ribeiro e W. Berardinelli (*Tratado de Biotipologia*, IV ed., 1942, p. 114-5), o exagero dos membros superiores denota "grave anomalia morfológica", muito frequente em criminosos.

O crânio de Antonio é mesaticéfalo, um tanto elevado, de capacidade um pouco acima da média. Não se confunda, entretanto, o valor índice do crânio junto com o índice cúbico. Para obter este, deve-se, conforme Manouvrier, dividir aquêle número por 2, em seguida por 1,14 e atender mais alguma correção (redução até 100 cc.). O volume real é, pois, de 1.654 cc. A fronte, alta. A face, oval, de linhas salientes.

Em suma, ele pertence, na classificação de Viola, ao biótipo brevilíneo, sub-grupo 5, exprimível pelo símbolo B5 ou N5, mal distinguível do normolíneo. Corresponde, na de Barbara, à combinação B, designada macro-normolínea, por Berardinelli.

Inscrive-se no grupo 10 de Prado Valadares, tendo rosto aproximadamente pentagonal.

Podia incluir-se no subtipo hipostênico, de Wills. Entretanto, sua radiografia, com certa excedência da sombra do mediastino vascular para a direita, desloca-se antes para o estênico.

Propende para o mesomorfismo, consoante Sheldon, representável possivelmente pela fórmula: 1-3-1.

b) SONIA

QUADRO ANALÍTICO FUNDAMENTAL

| Medidas Fundamentais        |           |           |          | Relações fundamentais  |  |
|-----------------------------|-----------|-----------|----------|--|--|
| N. Medidas                  | N. médios | N. indiv. | Graus c. |  |  |
| 1 Valor tronco              | 24,6      | 22,8      | — 7      | Tronco-membros<br>(- 7) - (- 6,5) = - 0,5  |  |
| 2 Valor membros             | 133,5     | 125       | — 8,5    | Tronco-júgulo pública<br>(- 7) - (- 3) = - 4   |  |
| 3 Valor torácico            | 7,39      | 6,97      | — 5,7    | Diams. ant. posts.-diams. transvs.<br>(- 6) + (- 6) + (- 6) (0) + (0) + (4)  |  |
| 4 Valor abdominal total     | 17,2      | 15,8      | — 8      | <hr/>  |  |
| 5 Valor abdominal superior  | 6,78      | 6         |          | 3 3  |  |
| 6 Valor abdominal inferior  | 10,42     | 9,81      |          | <hr/>  |  |
| Tórax                       |           |           |          | - 18 4   |  |
| 7 Altura externo            | 14,9      | 14,7      | 0        | = $\frac{3}{3} - \frac{4}{3} = - 6 - 1,3 = - 7,3$  |  |
| 8 Diâmetro transverso       | 25,7      | 26        | 0        | Abdomen-tórax  |  |
| 9 Diâmetro antero-posterior | 19,3      | 18        | — 6      | (- 8) - (- 5,7) = - 2,3  |  |
| Abdomen superior            |           |           |          | Índices sintéticos   |  |
| 10 Xifo-epigástrica         | 14,3      | 13,7      | 0        | Valor somático   |  |
| 11 Diam. transv. hipoc.     | 26,2      | 26        | 0        | (- 7) + (- 6,5) 13,5   |  |
| 12 Diam. ant. posterior     | 18,1      | 17        | — 6      | <hr/>  |  |
| Abdomen inferior            |           |           |          | 2 2  |  |
| 13 Epigástrico-pública      | 21,9      | 21        | — 4      | Tipo morfológico   |  |
| 14 Diam. bi-iliaco          | 26,3      | 27,5      | 4        | Longilínea, combinação 1 ou 4, L1 ou L4, de Viola. Variedade D, longitipo deficiente, de Barbara. Micro-longilíneo, de Berardinelli. |  |
| Membros                     |           |           |          | Erro específico  |  |
| 15 Membro superior          | 56,1      | 49,5      | — 1,1    | (- 0,5) + (- 4) + (- 7,3) + (- 2,3) 14,1   |  |
| 16 Membro inferior          | 77,4      | 75,5      | — 2      | <hr/>  |  |
| Medidas compostas           |           |           |          | 4 4  |  |
| 17 Júgulo pública           | 51,1      | 49,4      | — 3      | Erro genérico  |  |
| 18 Altura abdominal total   | 36,2      | 34,7      | — 4      | 54/10 = 5,4  |  |

## QUADRO ANALÍTICO COMPLEMENTAR

| Medidas complementares |                            |      |         | Relações complementares            |     |
|------------------------|----------------------------|------|---------|------------------------------------|-----|
| 1                      | Altura do crânio .....     | 12,5 | 14,5    | Crânio-face                        |     |
| 2                      | Diam. transv. crânio ..... | 14,8 | 14      | 3,65 — 1,45 = 2,20                 |     |
| 3                      | Diam. ant. post. crânio .. | 19,1 | 18      | Porção nasal — porção bucal        |     |
| 4                      | Volume índice crânio ..... | 3,53 | 3,65    | 0,73 — 0,72 = 0,01                 |     |
| 5                      | Altura nasal .....         | 4,3  | 5       | (nariz-boca em proporção)          |     |
| 6                      | Diam. bi-zigomático .....  | 13,3 | 12,5    | Quociente do perímetro             |     |
| 7                      | Profundidade nasal .....   | 9,9  | 11,7    | 155                                | — 3 |
| 8                      | Volume índice nasal .....  | 0,6  | 0,7     | — = 2 (aprox.) Ou: — = 0,7         |     |
| 9                      | Altura bucal .....         | 6,7  | 6       | 80                                 | — 4 |
| 10                     | Diam. bi-gonionico .....   | 9,9  | 10      | Quociente do peso                  |     |
| 11                     | Profundidade bucal .....   | 1,1  | 12      | 155                                | — 3 |
| 12                     | Volume índice bucal .....  | 0,72 | 0,72    | — = 2,9 Ou: — = 0 (biotípicamente) |     |
| 13                     | Volume índice face .....   | 1,33 | 1,45    | 53                                 | 0   |
| 14                     | Perímetro torácico .....   | 83,4 | 80 — 4  |                                    |     |
| 15                     | Estatuta .....             | 160  | 155 — 3 |                                    |     |
| 16                     | Peso .....                 | 53   | 53 — 0  |                                    |     |

Apesar da estatura baixa, correspondente à média da mulher brasileira ou a pouco menos, tem um tipo morfológico quase normolíneo, com todas as relações fundamentais congruentes. Seu valor membros, em graus centesimais, pouco difere do valor tronco, mostrando um sistema de vida de relação nivelado com o da vegetativa. Tronco, um pouco mais desenvolvido verticalmente do que nos sentidos horizontais. Além disso, achatado, em vez de bombeado. Tórax, quanto à média, um pouco maior do que o abdomen, denotando pequena superioridade da propulsão sanguínea e da hematose sobre a digestão e a absorção. Massa corporal, abaixo da média. Tendência à longitíпия, mui reduzida. O erro específico pode-se considerar nulo, pois pouco excede à tolerância teórica. O grau de desarmonia, também desprezível. O volume do crânio e o da face, precisamente, médios. Igualdade da porção nasal com a bucal. Quociente do peso designativo de leucodermia. Quociente do perímetro, médio.

## B) FISIOLÓGICA

Aos caracteres morfológicos dos biótipos correspondem, naturalmente, os fisiológicos, pois uns e outros, apesar da diversidade aparente, nada mais são do que aspectos duma mesma cousa, o estático e o dinâmico.

Infelizmente, o atraso da ciência não nos permite justapô-los exatamente entre si. Com os recursos atuais do conhecimento, apenas podemos aproximá-los.

Para logo se notou que os biótipos fundamentais revelam isoladamente as três modalidades do tono muscular ou vital. Donde, a classificação: esténicos, hiposténicos e hiperesténicos. Os quadros variam nas minúcias, mas se equivalem nisso (Pende, W. Mills, etc.).

Aspira-se reunir as funções em grupos naturais. Pela observação exclusiva delas, podíamos consegui-lo. Mas, para verificar se não nos enganámos, torna-se necessário descobrir-lhes tanto os antecedentes funcionais estritamente difos como os materiais, ou físico-químicos, que os condicionam.

Sabemos que a vida vegetativa, em suas múltiplas manifestações, é harmonizada por dois meios: endocrínico e nervoso. Por isso, pretende-se subordinar as funções aos mesmos, sobretudo ao primeiro, por mais primitivo.

A regulação química do organismo resulta da correlação de todos os hormônios, que agem mais ou menos simultaneamente. Mas se tem considerado como de influência preponderante o complexo secretório da hipófise, mormente o da anterior.

Podíamos fazer corresponder aos três biótipos morfológicos os seguintes: eutipituitários, hipopituitários, hiperpituitários. Mas só parcialmente, pois alguns desses hormônios produzem efeitos divergentes. Pende julgou mais importantes os da tireóide. Podia-se sobrepor-lhes os das glândulas sexuais. É preferível, pois, agir menos sistematicamente.



dos gânglios semilunares, aonde chegam o simpático e pneumogástrico), os vômitos e a rinite espasmódica revelam claramente que em sua infância acusara um estado quase contínuo de eretismo vagal. Posto que nessa idade todas as pessoas sejam propensas à pneumogastricotonia, ele a teve em grau superior ao ordinário. É, pois, vagoestésico. Mas, não raro lábil (cardialgias).

Agora isso, lembremo-nos que o seu diâmetro ântero-posterior do tórax é normal. Crânio, alto. Tem musculatura potente, mesmo sem treino. Olhos grandes. Dentes bem implantados, sem tendência à cárie. Mento não estrito. Capacidade respiratória média. Tensão arterial relativamente elevada.

Deve-se, portanto, mais exatamente, colocá-lo entre vagoestênico e vagolábil.

#### b) SONIA

#### QUADRO ANALÍTICO

| Medidas principais       |              |            | Relações                                 |       |
|--------------------------|--------------|------------|--|-------|
| N. Medidas               | N. médios    | N. indiv.  |  |       |
| 1 Glicose, em jejum ..   | 1,0          | 1,19       | Metabolismo basal                        |       |
| a p ó s ingestão de      |              |            | Padrão Boothby-Sandiford                 | 35,31 |
| 1/2 em 1/2 hora ...      |              | 1,36       | Padrão Aub-Du Bois                       | 35,31 |
|                          |              | 1,22       | (Ação dinâmico-específica dos alimentos, |       |
|                          |              | 1,22       | pelo método de Werner, baseado nos       |       |
|                          |              | 1,40       | padrões acima: 8,7%                      |       |
|                          |              | 1,18       | Endocrinológica                          |       |
|                          |              | 1,20       | Normal (para Cyro Nogueira)              |       |
|                          |              | 1,31       | Neuro-vegetativa                         |       |
|                          |              | 1,36       | Estênica                                 |       |
| 2 Gonadotropinas . . .   | 15 M. ut. u. | 9 M.ut.u.  |  |       |
| 3 Estrógenos . . . . .   | 15 u. R.     | 8 u. R.    |  |       |
| 4 Quetouteróis . . . . . | 7 milligr.   | 5 milligr. |  |       |
| 5 Progesterona . . . . . | 4 milligr.   | 1,5        |  |       |
| Medidas secundárias      |              |            |  |       |
| 1 Pulso . . . . .        | 68           | 64         |  |       |
| 2 Tono arterial: sist.   | 11,5         | 11         |  |       |
| diast.                   | 7            | 6,5        |  |       |

Apresenta um tono fisiológico normal. Apesar da herança materna, nunca teve asma, mesmo discreta. Nem dores de ventre, nem vômitos, nem cardialgias, como o seu irmão.

Espirra ultimamente com alguma frequência, mas ainda se não pode considerar isso uma renite espasmódica.

Endocrinia, sã. Sem preponderância nem do vago, nem do simpático, gosa dum equilíbrio neuro vegetativo perfeito. É uma estênica.

#### C) PSICOLÓGICA

Poderia, a bem da uniformidade, organizar um quadro analítico da face psicológica. Para isso, bastaria empregar o método de Capone, inspirado por Viola. Então, surgiriam aqui medidas das faculdades psíquicas, relações (entre as duas personalidades, a superior, ou cortical, e a subjacente, ou afetiva, por subtração; etc.) e índices (personalidade intelectual, personalidade afetiva, volitividade, sociabilidade).

Mas descordo quanto aos meios de medidas (conversação e processos psicoanalíticos, ou freudianos), seus grupos (+ 2, + 1, 0, - 1, - 2) e à distribuição das faculdades.

Com efeito, em psicometria, somente aceitaria os processos e mensurações já consagrados pela psicologia experimental. Reconheço, entretanto, ainda são insuficientes e pouco sintéticos, prestando-se apenas para crianças até quinze anos (escala Binet-Simon) ou adultos quase incultos, soldados, etc. (escala Yerkes). Para se obter o nível ou perfil psicológico, mesmo as escalas mais perfeitas (de Rossolino, etc.) ainda não satisfazem.

Quanto aos citados índices, noto que não são estanques, encerrando faculdades comuns. A personalidade superior, ou intelectual, afora a memória e a crítica, contém a atenção e o autodomínio, antes funções da volitividade. A personalidade afetiva, além de certas tendências, realmente hipotalâmicas (egocêntricas, eróticas, etc.), abrange outras sobre-

tudo volitivas (dominação, oposição) ou sociais (subordinação). Igualmente, as outras duas (volitividade, sociabilidade).

Outras classificações, também, por sua insuficiência, não se me recomendam (tipos positivo e negativo, de Durant; ativo, sensitivo, ou emotivo, e apático, ou hipoativo e hipoemotivo, de Ribot; extravertido e intravertido, de Yung; extratensivo, ou que a manchas de tinta dá interpretações predominantemente visuais, e intratensivo, ou que ao mesmo dá interpretações predominantemente cinéticas, de Rorschach; compensador eficaz do sentimento de inferioridade e o ineficaz, de Adler).

Prefiro adotar a de Kretschmer, baseada nas enfermidades mentais hereditárias.

Sendo as psicoses, como as moléstias físicas, meras acentuações das funções, para mais ou para menos, o observá-las constitui sem dúvida um bom meio para obter-se o conhecimento das faculdades mentais, inclusive os seus grupos naturais, ou psicótipos. Podemos tentar apreendê-los diretamente, sem idela preconcebida, ou, simplesmente, verificar quais os tipos anátomo-fisiológicos que se encontram nas diferentes psicoses. O segundo processo, parece, foi o que seguiu o psiquiatra nomeado. Notou que os maníacos-depressivos são sobretudo brevíneos, ou pínicos, e os esquizofrênicos, longilíneos, ou leptosômicos, ambos com variantes. Firmado nisso, estabeleceu os tipos: ciclotímico e esquizotímico. Depois subdividiu cada um em três graus. Denominou os submórbidos correspondentes: ciclóide, esquizóide. Para defini-los, atendeu à forma (alegria, tristeza; sensibilidade, frieza) e ao grau de regularidade (grande, pequeno) da afetividade, bem como à adequação da resposta à excitação. Os ciclotímicos são muito alegres ou tristes, mas sempre regulares em sua emoção e lógicos em seu comportamento. Os esquizotímicos mostram-se muito sensíveis ou frios, irregulares em sua afetividade e incoerentes em sua reação. Os primeiros vão ao enalço de todos os prazeres, mas são sociáveis e prestativos; os segundos não os disputam, porém se mantêm solitários e egoístas. Aqueles, quando intelectuais, revelam-se artistas objectivos ou sábios indutivos; estes, estetas subjectivos ou pensadores dedutivos, se não metafísicos. Os ciclotímicos como políticos manifestam-se conservadores, mas eficientes organizadores; os esquizotímicos, liberais, porém idealistas ou déspotas.

Tais conclusões estão em desacordo parcialmente com as de Viola, Pende e Naccarati. Parece-me, apesar de sua importância, têm algo de artificial, exigindo novas verificações.

Em todo caso, nas diversas classificações, os tipos principais correspondem-se mais ou menos.

Vou limitar-me a expor singelamente os caracteres psíquicos dos dois casos, sem preocupação quantitativa. E, ao fim, tentarei localizá-los nesses quadros, sobretudo no último.

#### a) A N T O N I O

Tem as sensações e percepções, no conjunto, normais. Sua visão é fracamente hipermetropa (O. D. + 1,25; O. E. + 0,75) e astigmática (+ 0,5). Em compensação, a audição goza dum poder discriminativo acima do vulgar. Distingue com facilidade timbres e intervalos. A cinestesia é apurada, sobretudo quanto à fonação. Reproduz sem dificuldade qualquer ária que ouça. Aprendeu rapidamente línguas estrangeiras, com sua pronúncia própria, mesmo as menos acessíveis a nós. Tem excelente memória, mormente auditiva. Gosta muito de música, aprecia o cinematógrafo, mas raro lê um conto ou uma poesia. Possui raciocínio rápido e seguro. Assimilou sem esforço quer a matemática, quer as ciências físico-naturais. Concluiu recentemente o curso de medicina, pela Faculdade de S. Paulo.

Quanto à afetividade, é discreto. Raramente ri, limitando-se a ligeiro sorriso. Estima aos pais, porém sem exagero. É, talvez, pouco sociável. Parece muito impressionável.

Exprime-se com facilidade. Mas manifesta pouca atividade, o que dificulta julgar-se-lhe a capacidade mental.

Pode-se classificá-lo entre normal (mediocre) e ciclotímico. Entretanto, aproxima-se do tipo apático, de Ribot; do introvertido, de Yung; do intratensivo, de Rorschach. Mas, aos testes deste deu resposta visual.

## b) SONIA

Sensações e percepções, quase iguais às do irmão. Ligeiramente hipermetropa e astigmática. Audição, muito discriminativa. Cinestesia, superior à vulgar. Espontaneamente, sem nunca haver estudado desenho, reproduz bem qualquer paisagem e rosto humano, acentuando-lhe a individualidade. Também os estiliza adequadamente. Repete com facilidade qualquer música pelo canto. Nunca desentoa. Tem voz melhor do que o irmão.

Em compensação, parece ser-lhe inferior em raciocínio. Diplomou-se agora por uma faculdade de filosofia, *Sedes Sapientiae*, no curso de história e geografia.

Afectividade, normal. Não é impressionável como o irmão. Convenientemente sociável.

Expressividade, pronta e desenvolta. Escreve com muita fluência, denotando viva imaginação. Gosta muito de ler romance.

Está bem numa posição intermediária aos dois psicótipos. Mediante exame, manifestou vivência extratensiva.

## G E N E A L O G I A

A genealogia é, como esclareci noutro artigo (*Genealogia e Genética, in Revista Genealógica Latina, n. 2, ano 1950, p. 39*), mera aplicação da genética à humanidade, ou a face genética da biotipologia.

Seu objectivo hodierno deve ser, não elaborar árvores de costados e biografias, mais ou menos inexactas, como outrora, simples trabalho narrativo, mas explicar os caracteres dos homens atuais, vivos, pelos dos anteriores, falecidos ou ainda sobreviventes, e reconstruir os destes pelos daqueles.

Atendendo à sua interdependência, aproveitam-se os dados para correções mútuas. Como os mais acessíveis são os referentes aos contemporâneos, cumpre-nos dar-lhes o máximo de amplitude e, também, de precisão.

Sempre preferimos tratar da genealogia da própria família, afim de satisfazer a vaidade ostentando o parentesco com personalidades que se salientaram na vida social.

Mas, quando pretendemos expor, ao lado das virtudes, os defeitos, inclusive os mais graves, ordinariamente buscamos linhagem de outrem.

Meu empreendimento, pois, terá poucos imitadores, no presente.

Entretanto, confesso-o desde já, não vou manifestar esse heroísmo, porque me falecem taras capazes de humilhação.

Examinarei agora, embora mui sumariamente, como aqueles caracteres, morfológicos, fisiológicos e psicológicos, transmitiram-se aos dois indivíduos, através múltiplas transformações, para constituí-los.

Sabemos sem mais dúvida que essa transferência se opera por meio de partículas, os genes, localizados em células originárias das glândulas sexuais, os gametes, nos seus cromossomas, segundo leis bem determinadas, que expus sinteticamente no artigo mencionado.

Um conjunto de propriedades pode ser condicionado por um só gene, mas certas provêm, cada qual, de um apenas e mesmo algumas se originam, cada qual, de várias dessas partículas (princípio da factoração).

O gene ainda não foi visto, pois sua pequenez o torna inapreensível mesmo pelo microscópio eletrônico atual (até 1/100 de micron). Presume-se seja mera molécula protéica embora muito complexa. Parece uma zímase, aproximando-se da vitamina, do hormônio e, sobretudo, do vírus (multiplicável só em célula viva, etc.). Seguramente, no futuro, como essas substâncias, será isolado e preparado sinteticamente. Mesmo sem sair dessa classe química, podem os genes oferecer um número quase infinito de variedades, tanto em sua composição qualitativa, como na tessitura física. Uma molécula proteica de quarenta átomos de carbono, conforme Miescher, tem aptidão para fornecer um milhão de estereoisómeros. Ora, outras encerram setecentos e mesmo mais desses átomos.

Infelizmente, a genética ainda está em sua aurora. Apenas nos ensinou até agora, neste particular, a localização de alguns genes em determinados cromossomas de insetos (moscas, etc.) e a dos transportadores de certas enfermidades nos alóssomas de nossa espécie (no X, feminino: cegueira para o vermelho e verde, cegueira noturna, atrofia do nervo óptico, ausência de glândulas sudoríparas com defeitos nos dentes e pêlos, hemofilia;

no Y, masculino: pele escamosa, dedos palmados; num e noutro: retinite pigmentosa, xerodermia pigmentosa, um tipo de cegueira noturna, certa afecção convulsiva, etc.).

Mais tarde, provavelmente, permitir-nos-á discriminar, afora os genomas paternos, os seus diversos sub-grupos, através da filogênese: ser vivo, animal, vertebrado, mamífero, primata, homem, raça, nacionalidade, biótipo, avós.

Tratarei aqui apenas de distinguir, no que for mais aparente, os atinentes aos últimos.

Preliminarmente verei, no essencial, a transmissão paterna. Depois, a dos avós e raças.

Para isso, apresentarei das duas famílias, mas inteiramente expurgados dos elementos parasitários: as árvores de costados (reduzidas a quatro casais de cada geração, até os colonizadores mais primitivos dos dois Estados, de maneira a completar as já registadas em nossos livros clássicos, porém sem repeti-las); as sínteses biográficas dos antepassados mais próximos, até a 3ª; a consanguinidade; as enfermidades; os fatores antropológicos, até a 5ª, em recuo, quando se intensificou o tráfico do escravo negro.

A) BIÓTIPO PATERNO

QUADRO ANALÍTICO FUNDAMENTAL

| Medidas fundamentais           |           |           |          | Relações fundamentais                  |  |  |  |
|--------------------------------|-----------|-----------|----------|--|--|--|--|
| N. Medidas                     | N. médios | N. indiv. | Graus c. |  |  |  |  |
| 1 Valor tronco .....           | 24,6      | 25,5      | 4        | Tronco-membros                         |  |  |  |
| 2 Valor membros .....          | 133,5     | 137       | 2        | 4 - 2 = 2                              |  |  |  |
| 3 Valor torácico .....         | 7,39      | 11,2      | 51       | Tronco-júgulo pública                  |  |  |  |
| 4 Valor abdominal total ..     | 17,2      | 14,3      | - 17     | 4 - (- 5,7) = 10                       |  |  |  |
| 5 Valor abdominal superior .   | 6,78      | 5,3       |          | Diam. ant. post. - diam. transv.       |  |  |  |
| 6 Valor abdominal inferior .   | 10,42     | 9         |          | 8,3 + (- 11) + 0                       |  |  |  |
|                                |           |           |          | = 11 - (- 3) = 14                      |  |  |  |
|                                |           |           |          | 3                                      |  |  |  |
| Tórax                          |           |           |          | Abdomen-tórax                          |  |  |  |
| 7 Altura externo .....         | 14,9      | 20        | 33       | - 17 - 51 = - 68                       |  |  |  |
| 8 Diâmetro transverso .....    | 25,7      | 28        | 8,3      | Índices sintéticos                     |  |  |  |
| 9 Diâmetro ântero-posterior .  | 19,3      | 20        | 0        | Valor somático                         |  |  |  |
|                                |           |           |          | 4 + 2                                  |  |  |  |
|                                |           |           |          | = 3                                    |  |  |  |
| Abdomen superior               |           |           |          | 2                                      |  |  |  |
| 10 Xifo-epigástrica .....      | 14,3      | 11        | - 23     | Tipo morfológico                       |  |  |  |
| 11 Diam. transv. hipoc. ....   | 26,2      | 23        | - 11     | B4, de Viola; variedade B, de Barbara; |  |  |  |
| 12 Diam. ant. posterior hipoc. | 18,1      | 21        | 16       | Macrobrevilineo, de Berardinelli       |  |  |  |
|                                |           |           |          | Erro específico                        |  |  |  |
|                                |           |           |          | 2 + 10 + 8,3                           |  |  |  |
|                                |           |           |          | = 7                                    |  |  |  |
|                                |           |           |          | 3                                      |  |  |  |
| Abdomen inferior               |           |           |          | Erro genérico                          |  |  |  |
| 13 Epigástrico-pública .....   | 21,9      | 17,5      | - 2,5    | 101                                    |  |  |  |
| 14 Diam. bi-iliaco .....       | 26,3      | 27        | 0        | = 10                                   |  |  |  |
|                                |           |           |          | 10                                     |  |  |  |
| Membros                        |           |           |          |  |  |  |  |
| 15 Membro superior .....       | 56,1      | 57        | 1,8      |  |  |  |  |
| 16 Membro inferior .....       | 77,4      | 80        | 1,7      |  |  |  |  |
| Medidas compostas              |           |           |          |  |  |  |  |
| 17 Júgulo pública .....        | 51,1      | 48,5      | - 5,7    |  |  |  |  |
| 18 Altura abdominal total ..   | 36,2      | 28,5      |          |  |  |  |  |

QUADRO ANALÍTICO COMPLEMENTAR

| Medidas complementares       |      |      |     | Relações complementares           |  |  |  |
|------------------------------|------|------|-----|-----------------------------------|--|--|--|
| 1 Altura do crânio .....     | 12,5 | 13   |     | Crânio-face                       |  |  |  |
| 2 Diam. transv. crânio ..... | 14,8 | 16   |     | 4 - 1,8 = 2 Ou: 1,4 - 3,8 = - 2,4 |  |  |  |
| 3 Diam. ant. post. crânio .. | 19,1 | 19   |     | (braquítipo-excedente)            |  |  |  |
| 4 Volume índice crânio ..... | 3,53 | 4    | 1,4 | Porção nasal - porção bucal       |  |  |  |
| 5 Altura nasal .....         | 4,7  | 5,5  |     | 0,9 - 0,9 = 0                     |  |  |  |
| 6 Diam. bi-zigomático .....  | 13,3 | 15   |     | Quociente de peso                 |  |  |  |
| 7 Profundidade nasal .....   | 9,9  | 11   |     | 170                               |  |  |  |
| 8 Volume índice nasal .....  | 0,6  | 0,9  |     | = 2,4                             |  |  |  |
| 9 Altura bucal .....         | 6,7  | 7,2  |     | 70                                |  |  |  |
| 10 Diam. bi-gonionico .....  | 9,9  | 11   |     | Quociente do perímetro            |  |  |  |
| 11 Profundidade bucal .....  | 11   | 13,5 |     | 170                               |  |  |  |
| 12 Volume índice bucal ..... | 0,72 | 0,9  |     | = 1,9                             |  |  |  |
| 13 Volume índice face .....  | 1,33 | 1,8  | 38  | 88                                |  |  |  |
| 14 Perímetro torácico .....  | 83,4 | 88,5 |     | Tipo morfológico                  |  |  |  |
| 15 Estatura .....            | 168  | 170  |     | 12, de Valadares                  |  |  |  |
| 16 Peso .....                | 60   | 70   |     |                                   |  |  |  |
| 17 Angulo de Charpy .....    | 90   | 120  |     |                                   |  |  |  |
| 18 Grupo sanguíneo .....     |      |      |     |                                   |  |  |  |
| 19 Pulso .....               | 70   | 62   |     |                                   |  |  |  |
| 20 Tono arterial: sist.      | 11,5 | 14   |     |                                   |  |  |  |
| diast.                       | 7    | 9    |     |                                   |  |  |  |

## b) ANTONIO

Comparando os dados somáticos de Antonio com os do pai, nota-se inicialmente que são do mesmo tipo, brevilíneos. Têm um tanto diferentes a mor parte das relações e, sobretudo, o ângulo de Charpy ( $120^\circ - 80^\circ = 40^\circ$ ). Divergem ainda, no tórax, quanto ao diâmetro transversal; no abdomen, quanto à linha xifo-epigástrica e ao diâmetro ântero-posterior. Apesar disso, apresentam várias semelhanças: a relação crânio-face, a da porção nasal-porção bucal, etc.

Como a mãe de Antonio era também do tipo mégalo-splâncnico, oriundo do pai, ainda aparente em todos os irmãos, o brevilinismo dele deve ser atribuído à dupla origem.

Fisiologicamente, pai e filho são vagotônicos, porém êsse com mais intensidade. Provavelmente herdou tal excesso de seu bisavô materno (João Pires de Camargo).

Psicológicamente, a despeito dos dois serem brevilíneos, oferecem a particularidade da predominância do raciocínio sôbre o indutivo.

## c) SONIA

De biótipo longilíneo, ela se diferencia do pai quanto à massa do tronco, sobretudo em seu elemento superior (tórax). Têm também diferentes a altura do externo e a do abdomen, alguns diâmetros horizontais, o valor índice do crânio. Mas são semelhantes mesmo em pequenas particularidades.

Fisiologicamente, ainda são mais parecidos. Possuem quase completo equilíbrio neuroendócrino.

Do ponto de vista psicológico, apresentam similitudes, ao lado de algumas divergências. Ambos apreciam a literatura, comprazendo-se em ler novelas e poesias. Mas enquanto um se esquia do raciocínio, o outro se deleita em resolver problemas, maximé abstratos. Essas dessemelhanças, entretanto, podem ser mais aparentes do que reais, provenientes apenas da diferença de idades.

## B) ARVORES DE COSTADOS DE

Antônio Pompeu de Sousa Brasil, n. 30.10.1925, em Piraju; e Sônia Maria de Sousa Brasil, n. 3.10.1927, em Atibaia, no Estado de S. Paulo.

## a) MATERNA

## MÃE

Zulmira Alves do Amaral, n. 30.7.1889, em Atibaia; c. 27.2.1924, f. 20.11.1948.

## AVÓS

Claudino Alves do Amaral, b. 13.7.59; c. 15.11.84; f. 28.5.1922. Maria Jacinta da Silveira, n. 7.8.1881; c. idem; f. 26.3.1939.

## BISAVÓS

Zeferino Alves do Amaral, f. 1851. Maria da Conceição.  
João Pires de Camargo. Maria Joaquina da Conceição.

## TRISAVÓS

Jacinto Alves do Amaral, c. 1809. Maria do Espírito Santo Alvares.  
Francisco Pires Pimentel, c. 1814. Maria Jacinta da Silveira.

## QUARTOS-AVÓS

Antônio Alvares do Amaral, c. 1780. Ana Franco da Silveira.  
João Pires Pimentel, c. 1783, f. 1799. Maria Antônia Franco.

## QUINTOS-AVÓS

Rafael Cordeiro do Amaral, c. 1749. Ana de Ribeira Cardoso, f. 1805.  
Joaquim Bueno de Azevedo, c. 1767. Mécia Ferreira de Camargo.

## SEXTOS-AVÓS

Antônio Alvares Cardoso. Ana de Ribeira Bueno, f. 1738.  
Manuel Bueno de Azevedo. Francisca Pires Siqueira, f. 1758.

## SÉTIMOS-AVÓS

Francisco Cubas Mendonça, f. 1718. Ana de Ribeira da Luz, f. 1741.  
Bartolomeu Bueno de Azevedo. Maria de Lima do Prado.

## OITAVOS-AVÓS

Sebastião Preto Moreira, f. 1696. Mariana Bueno, f. 1687.  
Francisco Bueno de Camargo. Mariana Freitas de Azevedo.

## NONOS-AVÓS

Amador Bueno de Ribeira (ouvidor, cap.-mor em 1627, aclamado rei em 1641). Ber-  
narda Luís.  
Bartolomeu Bueno de Ribeira (o moço), c. 1634. Mariana Camargo.

## DECIMOS-AVÓS

Bartolomeu Bueno de Ribeira, de Sevilha (Espanha). Maria Pires.  
Josepe Camargo, de Castela (Esp.). Leonor Domingues, f. 1630.

## UNDÉCIMOS-AVÓS

Salvador Pires. Mécia Fernandes.  
Domingos Luís, de Carvoeira (Port.) (caval. prof. da ord. do Cristo), f. 1615. Ana  
Camacho, f. 1613.

## DUODÉCIMOS-AVÓS

Antônio Fernandes, português. Antônia Rodrigues.  
Gonçalo Camacho, de Viana (Port.). N... Ferreira.

## DECIMOTERCEIROS-AVÓS

Antônio Rodrigues, português. Antônia.  
Jorge Ferreira, português, cap.-mor. Joana Ramalho.

## DECIMOQUARTOS-AVÓS

Piquirobi, cacique de Ururá. ...  
João Ramalho, de Bouzela (Vizeu, Port.) (cav., fundador de S. André da Borba do  
Mato, cap.-mor. Mbici (Bartira, Izabel Dias).

## DECIMOQUINTOS-AVÓS

... ..  
Tebiriçá, cacique de Inhapuabuçu.

## b) P A T E R N A

## P A I

Pompeu Pequeno de Sousa Brasil (dr.), de Fortaleza (Ceará), n. 10.7.1886, c. 27.2.1924.

## A V Ó S

Antônio Pompeu de Sousa Brasil (dr.), de Fortaleza, n. 29.3.1851, c. 15.2.79; f. 26.1.86.  
Ambrosina Alves Pequeno, do Crato (Ceará), n. 26.4.1861.

## B I S A V Ó S

Tomás Pompeu de Sousa Brasil (senador), de S. Quitéria (Ceará), n. 6.6.1818, f. 2.9.77.  
Felismina Carolina Filgueiras, n. 1827, f. 1905 (filha de Maria Escolástica Vieira e Manoel Inácio Filgueiras, sobrinho e ajudante de ordens de José Pereira Filgueiras, cap.-mor do Crato, que impôs a independência às Províncias do Piauí e Maranhão, vencendo Fidlé, e, após depor o Presidente Costa Barros e substituí-lo por Tristão de Alencar, proclamou a república do Ceará, em 1824).

Antônio Luis Alves Pequeno, n. 1817, c. 27.6.52; f. 17.11.84. Maria Pinto Nogueira, do Icó, n. 1832, f. 1892.

## T R I S A V Ó S

Tomás de Aquino e Sousa, do Rio Grande do Norte, n. 7.3.1780. Geracina Isabel, n. 9.11.1777.

Antônio Luis Alves Pequeno. Rita Francisca Tavares.

## Q U A R T O S - A V Ó S

Antônio José de Sousa e Oliveira (escrivão da Fazenda em Natal, R. G. do Norte). Joana Teixeira de Melo, de Entremoz (R. G. do Norte).

José Luis Pestana de Vasconcelos, de Pernambuco (pai de Geracina). Isabel Pinto de Mesquita.

## Q U I N T O S - A V Ó S

Francisco de Sousa e Oliveira (avô do padre Mororó, mártir da revolução republicana de 1824). Tecla Rois Pinheiro.

João Pinto de Mesquita, de Bastos (Braga, Port.), n. 1703, c. 1726, f. 1783 (sargento-mor, pai de Isabel). Teresa de Oliveira Magalhães, do R. G. do Norte, n. 1710, f. 1765 (irmã de Antônio Rois, fundador de Sobral).

## S E X T O S - A V Ó S

João Pinto de Mesquita (pai do homônimo). Isabel de Moura.

Luis de Oliveira Magalhães (pai de Teresa). Isabel Rodrigues.

Infelizmente, não pude obter as datas principais referentes aos nomeados além dos bisavós, salvo uma ou outra. Também, não consegui perfazer a árvore de costados paterna, encerrando-a nos sextos-avós, mesmo para chegar aí necessitei no fim modificar minha ordem. Sei, entretanto, foi, quanto à ascendência do Senador Pompeu, estendida até uma geração remota, pelo notável intelectual Soares Bulcão, devendo breve ser publicada pelo

Instituto do Ceará. Conheço a mais, apenas, os pais de José Luís (presumo-o, antepassados do padre Miguelinho, outra vítima da revolução de 1824) e os de Joana Teixeira.

### C) SÍNTESES BIOGRÁFICAS

Com isso, apenas pretendo sugerir o que meus filhos devem aos seus antepassados mais próximos.

a) Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu). N. aos 6.6.1818, em S. Quirteria, Ceará; f. aos 2.9.1877. Filho legítimo do capitão de milícias Tomás de Aquino e Sousa (de Natal, R. G. do Norte) e Geracina (neta do sargento-mor João Pinto de Mesquita, português, de Braga, cunhado do cap. Antônio Rois de Magalhães, fundador de Sobral, Ceará).

Em 1836 seguiu para Pernambuco, a fim de cursar uma escola de ensino superior, gastando três meses em sua viagem marítima, devido a um desarranjo no patacho que o transportava. Havendo seus pais, fazendeiros no interior da Província, perdido quase todos os recursos, em consequência das últimas secas, para poder continuar os estudos, ia receber de parte da família, cotizada entre si, modesta pensão. Mas essa deixou de ser remetida ao fim de seis meses. Para se manter, fez-se professor. Formou-se em direito aos 24.10.1843.

Em 1845 se apresentou à eleição de deputado à Assembléa Geral, fora da chapa do partido liberal, contra a vontade de seu chefe, padre José Martiniano de Alencar, espírito patriótico, sem dúvida, porém fraco e egoísta, que dirigira as revoluções republicanas, mas o negara, para não ser perseguido (filho do padre Miguel Carlos da Silva Saldanha e de Bárbara Pereira de Alencar, heroína da insurreição de 1817, e pai de José de Alencar, o maior de nossos literatos).

Tornou-se chefe do partido liberal, desde o falecimento do Senador Alencar, em 1860. Diretor e redator dos jornais políticos *Cearense* e *Brasileiro*. Eleito senador em 1864.

Nunca aceitou ministério oferecido por supostos gabinetes de conciliação, que visavam antes adesão ao partido conservador, porque sempre fôra conscientemente liberal e partidário de Teófilo Otoni (como o narra em sua autobiografia, ainda inédita).

Foi director do Liceu Cearense, ao fundar-se, e um de seus professores.

Publicou, afora artigos em revistas, as obras seguintes: *Compêndio de Geografia* (1851, adotada pelo Colégio Pedro II, 4ª ed. em 1864), *Memória sobre a Estatística da População e Indústria da Província do Ceará*, 1857, *Memória sobre a Conservação das Matas e Arboricultura como Meios de Melhorar o Clima da Província do Ceará*, 1859, *Ensaio Estatístico da Província do Ceará*, em 2 tomos, 1864, *Discurso*, 1866, *Sistema ou Configuração Orográfica do Ceará*, 1877, *Memória sobre o Clima e Secas do Ceará*, 1877.

Em resumo, o Senador Pompeu, profissionalmente, fez-se por si; politicamente, sempre se manteve liberal (sacrificando não raro interesses individuais aos do país); cientificamente, elaborou o primeiro tratado de geografia do Ceará (em 2 v., in 4, com 1170 p. p.), em 1863, com admirável precisão, fonte básica dos conhecimentos dessa matéria, até hoje; e, também, o primeiro estudo de nossas secas, dando-lhes o histórico, em parte com o que delas observara pessoalmente, suas primeiras generalizações (os diversos ciclos, a alternância com períodos de muitas chuvas, a coincidência com modificações de ventos, etc.) e propondo sobre sua causa uma hipótese preliminar (não parada dos aliseos, que trazem a humanidade do atlântico, ou o seu soerguimento, em consequência dum retralmento das calmas equatoriais, zona em que incidem perpendicularmente os raios solares, devido a uma alteração num dos movimentos da Terra ou do sistema solar).

Veja-se sua biografia por Joaquim Manuel de Macedo, fundador de nosso romantismo em prosa, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, tomo XL, parte segunda, p. 558, 1877.

O País pôs-lhe o nome numa das ruas da Capital e o Estado do Ceará, afora numa rua de Fortaleza, também numa cidade.

b) Antônio Luís Alves Pequeno. N. em 1817, c.-se no Icó, em 1852 e f. no Crato, em 1884. Residia nessa cidade. Negociante. Estimulou no Cariri o plantio do algodão e foi o primeiro a instalar ali, em Missão Velha, num sítio seu, motor para o beneficiamento da cana de açúcar, em 1850.

Formou dois de seus filhos, um em direito, no Recife, e outro em medicina, no Rio de Janeiro.

Chefe local do partido liberal. Como presidente da Câmara, em 1853, construiu o primeiro cemitério, acabando com o anti-higiênico enterramento nas igrejas.

Coronel comandante superior da Guarda Nacional no município, 1865. Na guerra do Paraguai, incentivou o alistamento militar e custeou pessoalmente as despesas de seus primeiros voluntários. Cavaleiro da Ordem da Rosa, 1868. Presidente do primeiro conselho diretor da Casa de Caridade. Doou ao primeiro bispo do Ceará um terreno para a construção dum seminário.

Leia-se sua biografia, por Irineu Pinheiro, nas *Efemérides do Cariri*, nota LII.

c) Antônio Pompeu de Sousa Brasil. N. aos 29.3.1851, em Fortaleza, c.-se aos 15.11.1879. f. aos 26.1.1886. Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1873.

Foi um dos redatores da *Revista do Instituto Acadêmico*. Publicou: *Da Acupressura, Eletricidade, Tratamento das Fraturas Complicadas e o Óleo de Fígado de Bacalhau Considerado Fisiológica, Terapêutica e Farmacologicamente*, teses de doutoramento, aprovadas com distinção. Aperfeiçoou-se em cirurgia em Viena, Berlim e Paris, durante dois anos. Exerceu essa profissão em Fortaleza.

Falava corretamente vários idiomas (afora o português): espanhol, italiano, francês, alemão, árabe. Além desses, traduzia o latim, magiar e outros (Segundo Antônio Drumond, *O Norte*, 21.7.1943).

Instalou no Ceará a primeira fábrica de tecidos.

Fortaleza deu-lhe o nome a uma de suas ruas.

Veja-se sua biografia, pelo Barão de Studart, no *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, v. I, p. 124, 1910.

d) Pompeu Pequeno de Sousa Brasil. N. aos 10.7.1886, em Fortaleza, c.-se aos 27.2.1924. Diplomado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1909. Exerceu sua profissão no Ceará, depois no R. G. do Norte, e por último, em S. Paulo. Também a desempenhou como funcionário público, primeiro, no Estado natal, no interior, junto a uma Comissão de Estudos da Rede de Viação Férrea, depois, em Fortaleza, na Polícia, ao fim, em S. Paulo.

Colaborou em alguns jornais (*República*, *Unitário*, etc.) e revistas (*Bahia Médica*, *Revista do Brasil*, etc.). Publicou, afóra vários artigos, as obras seguintes: *Classificação em Psiquiatria*, tese de doutoramento, 1910; *Poesias*, 1928; *O Cearense e a Literatura Regional*, 1928; *As Bases Científicas da Estética*, 1937. Tem algumas inéditas: *Contos*, *Ensaio de Estética*, *Ensaio Científico de Genealogia*.

Leiam-se os juízos críticos sobre seus livros ou ideias: quanto às primeiras poesias, o de Osório Duque Estrada, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, entre 1909 e 1910, quanto à crítica artística, o de Francisco S. Bueno, num vespertino de S. Paulo, em 1928; quanto à estética, o de Djacir Menezes, em *O Estado*, de Fortaleza, 1 e 43.1938, e o de Charles Lalo, na *Revue Philosophique*, da França, 1939, ns. 1 e 2, p. 88.

Em resumo, concebeu sucessivamente duas hipóteses sobre a natureza da arte: indução implícita (ciência por imagens) e emprêgo da expressão. A segunda é a solução do problema, portanto, o fundamento da estética.

Quanto à biografia dos avós maternos de Antônio e Sônia consultem-se a *Genealogia Paulistana*, por L. G. da Silva Leme, em v. s, 1903, e outros repositórios da história paulista, sobretudo a *História de Atibala*, por V. Franco da Silveira, 1950.

#### D) A CONSANGUINIDADE

Meus filhos têm consanguinidade muito acusada no ramo materno da família. Começou, como nas demais brasileiras, na 2ª geração. Mas só se intensificou depois.

Aqui, como por toda parte, foi a consequência da intimidade social, conveniências econômicas e dificuldade de comunicação.

Nessa árvore genealógica, notam-se primeiro as endogâmias de Pires, Buenos de Ribeiro, Pretos (originários de portugueses), Rendons, Cardosos, Siqueiras. Em seguida vieram as de Francos, Camargos, Silveiras, Godói Moreira, Amarais.

Vou discriminá-las nas cinco últimas gerações, quando atingiram o máximo.

Os antepassados da avó, na 10ª, apenas mantinham parentesco remoto, referente a Camargos, Pires e Francos, mas desde a 11ª tomaram o mesmo sangue bilateralmente, no começo, como primos em 4º e 3º graus (Silveiras, Francos), depois (nos bisavós), em grau mais próximo e dos dois lados, e, ao fim, como primos em 1º, concernente a Amarais.

Os antepassados do avô, na 10ª só têm parentesco num dos quatro casais, em Álvares, mas na 11ª já a apresentam nos dois casais, sendo num entre tia e sobrinho, Amarais, e na 12ª (bisavós) mostram-no como primos em 1º, de origem quádrupla.

Na árvore de costados paterna, Sousas e Pequenos, não houve consaguinidade, salvo possivelmente no início (2ª e 3ª gerações).

Tratarei de seus efeitos, aliás fracos, mais adiante.

### E) A ENFERMIDADES

Geralmente, tudo ou quase tudo ignoramos sobre nossos antepassados, a partir dos bisavós para atrás, porque já desapareceram quando nascemos ou o fazem pouco depois. Nossos pais, para não sofrer o sentimento desagradável da saudade, raro se lhes referem e sempre mui vagamente, sobretudo quanto aos defeitos. De nossa parte, não suscitada a curiosidade, nada ou pouco indagamos deles.

O Senador Pompeu faleceu aos 59 anos de idade, parece de insuficiência aórtica. Incidentalmente, narra um de seus filhos: "... arfando com as torturas de sufocante dispnéia, edemaciado, quase cego, escrevia em favor do solo natal, no Cearense, preconizando a açudagem..." (Tomás Pompeu Filho, *O Ceará no Centenário da Independência do Brasil*, v. I, p. 365).

Felismina C. Filgueiras sofria duma bronquite crônica inespecífica. Extinguiu-se já bem velha.

Antônio Luís A. P. sucumbiu aos 67 anos de idade.

Maria Pinto Nogueira, que ainda conheci, era muito gorda. Morreu aos 60 anos.

Antônio Pompeu de S. B. faleceu duma aneurisma aórtica, aos 34 anos de idade. Era hipersensível ao iodo. Certa vez, havendo ingerido disso uma dose terapêutica, teve um início de edema da glote.

Ambrosina Pequeno tem presentemente 90 anos de idade. Goza de relativa validez. Vai só a uma igreja próxima de sua casa e escreve carta com letra firme e sem incoerência.

Pompeu P. de S. Brasil sofria de renite espasmodica, atribuída a um desvio do septo nasal. Operado, manteve-se são vários meses. Depois, restabeleceu-se-lhe o mal durante três anos. Ao fim, progressivamente, atenuou-se, reduzindo-se a um mínimo, quase imperceptível. Apresenta discretamente, há alguns anos, varizes.

Quanto aos bisavós maternos de meus filhos, apenas consegui saber o seguinte:

Zeferino A. do Amaral, quando passeava a cavalo, teve uma síncope cardíaca, provavelmente por infarto do miocárdio.

Maria da Conceição foi vítima de parto.

João P. de Camargo tinha asma crônica, que muito o molestara na senectude. Faleceu aos 82 anos de idade, aproximadamente.

Maria Joaquina da C., já velha, sofria dos rins.

Claudino A. do Amaral, na velhice, afora asma fraca (pigarro, como vulgarmente se chama), tinha nefro-esclerose. Faleceu aos 62 anos de idade, de uremia, provocada por uma prostatectomia.

Maria J. da Silveira, que conheci, era uma mulher inteiramente sã e normal. Morreu bem velha, devido a um derrame cerebral, ocorrido alguns meses antes.

Zulmira A. do Amaral, ao casar-se, já sofria de asma. Apresentava então acessos fortes, porém espaçados. Só muitos anos depois seu mal se agravou. Faleceu aos 59 anos de idade, em consequência de atonia cardíaca, determinada pela dificuldade respiratória.

### F) OS ELEMENTOS ANTROPOLÓGICOS

As duas famílias são originárias, quase na totalidade, de portugueses e indígenas sul-americanos. Também provêm, mas discretamente, uma de espanhóis e outra, talvez, de holandeses.

Seus antepassados, no comêço do século XVI, foram colonizadores lusitanos e mulheres selvícolas, geralmente filhas de caciques (Tebiriçá, de Inhapuabuçu; Piquirobi, de Urarai, etc.).

Essas aborígenes eram sobretudo tupis, que habitavam o litoral do país, primeira zona conquistada, quer em S. Paulo (tupiniquins, etc.), quer no Nordeste (tupinambás, potiguaras, etc.). Concorreram para aquilo, seguramente, também, mas depois, outras nações dessa raça (guaianases, cariris, etc.).

As indígenas, como amantes ou esposas, só foram substituídas pelas européias e suas descendentes, mais ou menos mestiças, tardiamente. Os mamelucos, apesar do ódio votado aos irmãos, nunca as desprezaram. Sabemos com que crueldade, indigna até de civilizados, os invasores, não podendo utilizar os naturais como escravos, em suas indústrias incipientes, sistematicamente os trucidavam e afugentavam para o interior do continente, com suas sucessivas entradas e bandeiras. Entretanto, permitiram-nos colaborar, em não pequena dose, para a formação da nacionalidade. Esclarece-o Pompeu Sobrinho (*O Homem do Nordeste*, in *Boletim da Inspeção F. de Obras Contra as Secas*, 1934, agosto, p. 60): "O contingente indígena que se não aproveitou, pelas baixas nas lutas de extermínio movidas pelos colonos contra tribos reacionárias ou pelas fugas para regiões distantes, fora do âmbito das caatingas, ou ainda pelas lutas intestinas de tribos contra tribos, não foi avultado em relação com o que se incorporou para a formação da população atual. É lógico deduzir-se isso da rapidez com que se povoou o sertão, etc."

Depois, como antepassados de meus filhos, continuaram a intervir portugueses, de mais a mais preponderantemente. Esses, aí, ainda subsistem puros, parcialmente, na 6ª geração ascensional do ramo materno, possivelmente mesmo adiante, e na 11ª do ramo paterno.

O espanhol puro, igualmente, na 3ª (Bartolomeu Bueno de Ribeira, chegado a S. Paulo em 1571), na 6ª (João e Francisco Rendons, de Cória, fidalgos) maternas.

Quanto a holandeses, segundo monsenhor Pequeno (ex-reitor do Seminário de S. Paulo, mui lastimada vítima dum desastre de aviação, há poucos anos), foram eles que deram a linhagem dos Pequenos, como algumas outras mais do Nordeste, escapas da expulsão, após a vitória dos brasileiros, em virtude do tratado de paz (1661) entre os dois países, do internamento pelos sertões e da mestiçagem, durante vinte e quatro anos.

Faltam-me dados para estabelecer percentagens exatas dessas diferentes raças na constituição da estirpe.

\* \* \*

Como se viu atrás, os dois irmãos, sendo descendentes de indígenas, portugueses, espanhóis e, quiçá, de holandeses, originam-se de duas raças, uma vermelha (mongoloide) e outra branca.

Poderíamos reconhecer o que devem ao primeiro etno (ou melhor, antrope), após tantas gerações de miscigenação preponderantemente branca? . . .

Eis um problema muito complexo, mormente sem o auxílio cabal dos dados históricos

A vista do atraso da ciência, não dispomos de outros meios para dar-lhe solução, nem mesmo aproximada.

Entretanto, tentarei esboçá-la em seus traços mais gerais.

Os biólogos hodiernos divergem até sobre o valor classificativo dos biótipos.

Uns presumem que eles se encontram igualmente em todas as raças (Van Rhoden, Brugsch, etc.). Alegam uma tendência natural dos organismos à variação de peso regularmente em torno dum tipo médio, segundo a lei dos erros acidentais, de Quelet-Gaus, aplicada à biotipologia por Viola (1907). E atribuem tais oscilações a condições climáticas, alimentares, sociais (Stockard, Bean) ou a influências endócrinas (Paulsen).

Outros biólogos afirmam que, em cada raça e mesmo em cada nacionalidade bem caracterizada, há sempre predominância de um biótipo (Stratz, Wenkebach, Pfuhl). Susten-

tam que, na mor parte, os brancos são normo ou brevilineos, os negros longilineos e os amarelos brevilineos.

Geralmente, de fato, os europeus do norte incluem-se no tipo leptossômico, mas os do sul no pícnico ou no normal. Consoante Piper, os penúltimos abundam nos Alpes.

Pode-se admitir que as variações biotípicas essenciais não derivam da adaptação mesológica ou de perturbações hormonais, porque são hereditárias. Fôra mero romantismo ainda querer explicá-las com a presença ou ausência de iodo na atmosfera. Resultariam, quando não de mutações (gênicas), apenas do abuso de se tomarem par medidas, nas relações do tronco e de suas partes, todos os diâmetros, em vez de somente as alturas, afim de prescindir da engorda.

O selvagem sul-americano é, geralmente, de estatura baixa e tronco amplo, tal como o descrevem os cientistas que o têm visitado.

Assim era o do nordeste.

O ibérico é, na maioria, sub-longíneo ou normolíneo. Só o louro tende para a microplancia, sobretudo astênica.

Podem-se atribuir, pois, em nosso povo, numa ampla generalidade, embora algo artificial, o tipo brevilineo ao indígena, o normolíneo ao ibérico e o longilineo ao negro ou ao holandês.

Eis a única conclusão que nos permite um bom raciocínio sobre este assunto.

Outra questão interessante é a quantidade global dessa herança. Não oferece complexidade. Apenas requer grande esforço de investigação histórica e a aplicação de certas fórmulas.

Os dois irmãos deveriam às primeiras avós selvagens (Mbici Tebiriçá, Antônia Piquirobi, etc.), bem como aos seus maridos portugueses (João Ramalho, Antônio Rodrigues, etc.), se não tivesse havido consanguinidade, a 32.448ª parte do genótipo. Dá-nos facilmente esse resultado a fórmula genealógica:  $Ax = 2x$  (A, número de antepassados; x, geração). Como houve endogamia iterativamente, aquele número deve sofrer certa minoração. Outras fórmulas fornecem-nos o resultado nessas condições. (Veja-se o meu artigo: *Genealogia e Genética*).

Parece-me que o genótipo brasileiro possa ser estabelecido assim: português 30/100, outros europeus 10/100, indígena 35 a 30/100, negro 30 a 25/100. Como se vê, é uma raça bem adaptada ao meio (pigmento, etc.). Daria os três biótipos na mesma quantidade.

O genótipo das duas famílias estudadas: indígena 40/100, português, 50/100, outros europeus 10/100. Produziria sobretudo normótipos. De negro pode ter algo, mas apenas indiretamente, pelo ibérico e o indígena, esposando-se o conceito de Rivet e outros (migrações polinésias, etc., pré-históricas).

#### g) OS PARÁTIPOS

O que os organismos possuem de não hereditário, ordinariamente, não é muito. Demais, surge depois da idade madura.

O instinto de conservação afasta o homem dos incidentes maléficos e as funções eliminatória, antitóxica e imunizante defendem-no das moléstias. Só na velhice, quando esses meios de proteção declinam, é que os órgãos se deterioram, refletindo seus defeitos na superfície do corpo.

Os dois irmãos têm pouco mais de vinte anos. Seus parátipos reduzem-se a muito pouco, quase nada. Apenas apresentam maior pigmentação da pele e do cabelo, em consequência de insolação natural e propositada, raras e minúsculas cicatrizes, provenientes de catapora e de acne, e, nos pés, alguns calos.

Só mais tarde, quando aparecerem as doenças crônicas e incuráveis, é que verão os caracteres exógenos se acumularem de mais a mais.

Isso, entretanto, merece menos atenção. Somente tem grande importância o que recebemos dos pais e transmitimos aos filhos, esses fragmentos esparsos do germe de nossa espécie.